

DESAFIOS DA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DO PAPA FRANCISCO: ENTREVISTA COM D. TARCÍSIO SCARAMUSSA, CHANCELER DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

*Challenges to humanize education according to Pope
Francis' educational thought: Interview with D. Tarcísio
Scaramussa, SDB, Chancellor of the Catholic University of
Santos*

Entrevistado:

D. Tarcísio Scaramussa, SDB

Chanceler da Universidade Católica de Santos e Bispo Diocesano de Santos

Entrevistadoras:

Guadalupe Corrêa Mota

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco

Universidade Católica de Santos

Resumo: Nesta entrevista, *D. Tarcísio Scaramussa, Chanceler da Universidade Católica de Santos* e bispo Diocesano de Santos, expõe suas ideias sobre a educação e os desafios postos aos educadores, na perspectiva do pensamento do Papa Francisco para uma educação humanizadora, convidando-nos a refletir sobre o papel do educador na promoção de processos educativos inclusivos capazes de eliminar as desigualdades sociais, econômicas e culturais que afetam o gênero humano, de modo a promover a cultura do encontro com a diversidade como um elemento intrínseco à doutrina cristã.

Palavras-chave: Educação. Educação Humanizadora. Processos Educativos Inclusivos.

Abstract: In this interview, *D. Tarcísio Scaramussa, Chancellor of the Catholic University of Santos* and the Diocesan Bishop of Santos, exposes his ideas about education and the challenges posed to educators according to Pope Francis' thought for a humanizing education, inviting us to reflect on their role in promoting inclusive educational processes capable of eliminating cultural, economic and social inequalities that affect the human gender and thus promoting a culture of the encounter with diversity as an element intrinsic to the Christian doctrine.

Keywords: Education. Humanizing Education. Inclusive Educational Processes.

Introdução

A questão educacional tem sido uma constante nos documentos e na vida do Papa Francisco. Uma pesquisa breve no site *w2.vatican.va* - site oficial da Cidade do Vaticano, que reúne o acervo dos escritos do Papa Francisco (dentre outros tópicos), é possível identificar cerca de 500 indicações de artigos, mensagens, cartas, documentos, homilias referentes ao tema “Educação e Papa Francisco”. Textos esses situados em diferentes contextos e para diferentes públicos: autoridades civis da África, estudantes de escolas japonesas, povos ciganos, educadores da Argentina, da Itália, atletas, militares, cientistas, encontro com associações de profissionais da área da Educação de diferentes países, associação de pais e mestres, religiosos e religiosas, dentre outros.

Um primeiro olhar sobre a biografia do Papa Francisco (sacerdote, membro da Companhia de Jesus, mais conhecida como Padres Jesuítas) aponta alguns indícios da gênese dessa preocupação com a Educação. Ainda como seminarista na Companhia de Jesus,

[...] completou os estudos no Chile e, tendo voltado para a Argentina, em 1963, obteve a Licenciatura em Filosofia no colégio de São José em San Miguel. De 1964 a 1965 foi professor de Literatura e Psicologia no colégio da Imaculada de Santa Fé, e em 1966 ensinou estas mesmas matérias no colégio do Salvador, em Buenos Aires. De 1967 a 1970 estudou Teologia, licenciando-se também no colégio de São José. A 13 de Dezembro de 1969 foi ordenado sacerdote. De 1970 a 1971 deu continuidade à sua preparação em Alcalá de Henares, na Espanha. Regressou à Argentina, onde foi mestre de noviços (Formador) na Villa Barilari, em San Miguel, Professor na Faculdade de Teologia, consultor da província da Companhia de Jesus e também Reitor do Colégio. No dia 31 de julho de 1973 foi eleito provincial dos Jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou durante seis anos. Depois, retomou o trabalho no campo universitário e, de 1980 a 1986, foi novamente Reitor do colégio de São José, e pároco em San Miguel. No mês de março de 1986 partiu para a Alemanha, onde concluiu a tese de doutoramento; em seguida, os superiores enviaram-no para o colégio do Salvador em Buenos Aires e sucessivamente para a igreja da Companhia, na cidade de Córdoba¹.

Essa preocupação de Francisco com a Educação é constatada também por quem o acompanha de perto, como o jornalista Antonio Spadaro, padre Jesuíta e diretor da Revista *La Civiltà Cattolica* (da Companhia de Jesus), como revelado no artigo “Sete Pilares da Educação segundo JM Bergoglio”, publicado na referida

Revista² em setembro de 2018. Segundo o autor, esses pilares são: educar é integrar; seja bem vindo e celebre a diversidade; abordando a mudança antropológica; inquietação como motor educacional; uma pedagogia do aplicativo; não abuse dos limites; e viver uma fecundidade generativa e familiar.

Outro grande expoente do pensamento mundial, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (falecido em janeiro de 2017), referenda a preocupação do líder da Igreja Católica quanto à questão da Educação. Em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, em 08 de março de 2017³, Bauman comenta:

[...] *Francisco confiou à educação a tarefa de fazer renascer os critérios morais perdidos e restaurar vitalidade aos valores espirituais para levá-los de volta à magnificência e à eminência corroídas por um materialismo sem limites, por um consumismo desenfreado e por uma busca de lucro continua e desonesta. Desse modo, ele nos convidou para nos prepararmos para uma luta longa e difícil*, na educação, não há soluções rápidas, atalhos, resultados imediatos. Como nos adverte e nos ensina o antigo provérbio chinês: “Se os seus projetos forem para um ano, semeie grão; se os seus projetos forem para dez anos, plante árvores; se os seus projetos forem para cem anos, eduque as pessoas”. (Grifo nosso).

E lança um desafio: “Demonstraremos que somos capazes e estamos dispostos a aceitar essa proposta e a agir em consequência?”

Inúmeros textos (artigos, discursos, mensagens, cartas, homilias, documentos também da Pontifícia Comissão para a Educação Católica, sediada no Vaticano) revelam diferentes aspectos da questão educacional no Papa Francisco.

No encontro com os participantes da Plenária da Congregação para a Educação Católica, em 13 de fevereiro de 2014, Francisco chama a atenção para três aspectos: ao valor do diálogo na educação no contexto das sociedades pluriétnicas, pluriculturais; para a preparação qualificada dos formadores, e para a questão específica das universidades católicas. No tópico sobre a “preparação qualificada dos formadores”, lembra aos educadores a geração que está vindo aí, que se encontra em fase de mudança, e que, portanto, também os educadores devem mudar para conseguir se comunicar com os jovens⁴.

Por ocasião do encerramento do IV Congresso mundial de “Scholas Ocurrentes”⁵, realizada no Vaticano em 5 de fevereiro de 2015, Francisco demonstrou sua grande preocupação com a ruptura do ‘pacto educativo’ entre a escola, a família e a sociedade, que gera grave desarmonia paralisante em termos sociais. E nesse contexto de desagregação, a Educação tem uma tarefa de ajudar a sociedade civil (e a pessoa em particular) a encontrar na “tradição que lhe é própria – na sua tradição histórica, popular – os

elementos de fundação, quais são os elementos que, culturalmente, fundam a sua pátria (...) e funda a pessoa”.⁶

No encontro com os participantes da Plenária da Congregação para a Educação Católica, em 9 de fevereiro de 2017, no Vaticano, o Papa partilhou algumas expectativas:

Antes de tudo, diante de um individualismo infestante, que nos torna humanamente pobres e culturalmente estereis, é necessário *humanizar a educação*. A escola e a universidade só têm pleno sentido em relação à formação da pessoa. Todos os educadores são chamados a colaborar neste processo de crescimento humano com o seu profissionalismo e com a riqueza de humanidade da qual são portadores, a fim de ajudar os jovens a tornarem-se construtores de um mundo mais solidário e pacífico.

[...] Outra expectativa é que cresça a *cultura do diálogo*. O nosso mundo tornou-se uma aldeia global com múltiplos processos de interação, onde cada pessoa pertence à humanidade e partilha a esperança de um futuro melhor com a inteira família dos povos. Infelizmente, ao mesmo tempo, há muitas formas de violência, pobreza, exploração, discriminação, marginalização, abordagens restritivas às liberdades fundamentais que criam uma cultura do descarte. Em tal contexto os institutos educativos católicos são chamados em primeira linha a praticar a gramática do diálogo que forma para o encontro e a valorização das diversidades culturais e religiosas.

[...] A última expectativa que gostaria de partilhar convosco: o contributo da educação para semear esperança. O homem não pode viver sem esperança e a educação é geradora de esperança. Com efeito, a educação é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do dar a vida. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança: uma vida orientada para a busca da beleza, da bondade, da verdade e da comunhão com os outros em vista de um crescimento comum. Estou convicto de que os jovens de hoje têm sobretudo necessidade desta vida que constrói futuro.

[...] A esperança não é um otimismo superficial, nem a capacidade de olhar para as situações de modo benévolo, mas antes de tudo é um saber arriscar de maneira certa, exatamente como a educação⁷.

Sobre o encontro com os superiores das congregações religiosas, em 2013, o jornalista Antonio Spadaro escreveu:

Junto deste desafio dos marginalizados, o papa referiu-se a dois outros importantes desafios sempre presentes: um cultural e outro que tem a ver com a educação em escolas e universidades... Ele, pois, insiste: “*A educação, hoje, é a missão central, central, central!*” Lembrou algumas de suas experiências em Buenos Aires relativas à preparação necessária para acolher as crianças num contexto

educacional, meninos e meninas, jovens que vivem situações complexas, especialmente em família⁸ (Grifo nosso).

Ainda sobre o desafio de uma Educação com a tarefa de transformar as relações desumanizadoras do contexto da modernidade líquida, a Profa. Dra. Maria Amélia Santoro Franco afirma:

[...] os princípios epistemológicos da pedagogia, na perspectiva crítica, contemplam as bases dos necessários processos de inclusão, para além do mero acolhimento, reafirmando que, numa sociedade de relações contraditórias, excludentes, desiguais, opressivas, a Pedagogia há que se fazer emancipatória, na contínua busca de mais humanidade nos homens, o que se fará por meio da transformação das condições que produzem exclusão/opressão⁹.

E Edgar Morin, em os *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, defende: “Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino”¹⁰.

Fato é que a temática do Pensamento Educacional do Papa Francisco vem associada ao desafio da formação de uma ‘nova humanidade’ (referida por ele em diversos discursos como ‘crise antropológica’) agudizada no contexto da ‘modernidade líquida’, conforme descrita por Zygmunt Bauman, em que as referências ‘sólidas’ da Modernidade – as instituições, os valores, os ideais - parecem perder substância e o sujeito vê-se diante de uma avalanche de ‘possibilidades’ de escolhas, (porém frágeis), respaldadas, sobretudo, pelo processo da globalização da Economia, das tecnologias de Comunicação e do consumo fácil; ao mesmo tempo em que crescem a miséria, as guerras, as violências de toda ordem, os deslocamentos forçados (também pelo uso predatório do meio ambiente) num cenário onde parece não haver condições reais para a implantação desta educação para uma humanidade solidária como se configura no sonho do Papa Francisco.

Diante desse panorama desafiante apresentado pelo Papa Francisco em relação à questão educacional, conversamos com D. Tarcísio Scaramussa, SDB, Chanceler da Universidade Católica de Santos e Bispo Diocesano de Santos que nos concedeu uma entrevista em dezembro de 2019. D. Tarcísio Scaramussa carrega no seu ‘DNA’ a paixão pela Educação, herdada do carisma salesiano, visto que, antes de assumir o bispado, foi membro da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco que, dentre outras missões, dedica-se ao cuidado, atenção, à educação e desenvolvimento integral da juventude.

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB, nasceu em Prosperidade (Município de Cachoeiro de Itapemirim), atualmente Vargem Alta, ES, no dia 19 de setembro de 1950, filho de Quirino Scaramussa e Crédia Dassié Scaramussa. Em 31 de janeiro de 1969 fez a profissão religiosa na Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, em Joaboatão, PE, e a profissão perpétua em 24 de janeiro de 1977, em Jaciguá, ES.

Como sacerdote estudou Filosofia, Teologia, Pedagogia e cursou pós-graduação *lato sensu*, Especialização em Orientação Educacional. Trabalhou como formador de jovens candidatos à vida religiosa, na Coordenação da Equipe Nacional de Pastoral Juvenil, como Diretor do Instituto Regional de Pastoral Catequética, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; foi Vice-Provincial da Inspeção São João Bosco e Coordenador do Desenvolvimento Educativo Pastoral Salesiano, em Belo Horizonte; Inspetor Provincial, Membro do Conselho Superior da UBEC (União Brasileira de Educação e Cultura Mantenedora da Universidade Católica de Brasília-DF); foi Conselheiro Geral para a Comunicação Social da Congregação dos Salesianos em Roma; Professor no Ensino Fundamental e Médio, Orientador Educacional e Diretor de Escola, Professor no Ensino Superior na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras e na Universidade Católica de Minas Gerais. É também autor dos livros *O sistema de Dom Bosco: um estilo de educação*; *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: roteiros de iniciação*¹¹, além de ter artigos em revistas e cadernos especializados em educação juvenil.

Dom Tarcísio Scaramussa, SDB foi nomeado pelo Papa Francisco em 16 de julho de 2014 como bispo coadjutor da Diocese de Santos, assumindo como titular em 6 de maio de 2015.

Entrevista com Dom Tarcísio Scaramussa

Sendo um educador por vocação, e com longa experiência neste campo, em diferentes lugares do Brasil, como o senhor vê a figura de um Papa – que tem inúmeros campos de atuação em nível mundial – tão preocupado com a educação? Por que Francisco dá tanta atenção a este campo?

D. Tarcísio - O Papa Francisco é um líder reconhecido mundialmente, não só pelos católicos, mas por amplos segmentos da sociedade. Às vezes tem sido uma voz quase solitária em torno de causas humanitárias, como no problema das migrações, mas tem sido uma voz profética que aponta novos caminhos para questões cruciais para o futuro da humanidade, como as do meio ambiente e de uma nova economia mundial. Este futuro exige transformações profundas em nosso tempo, e a educação é certamente o caminho principal para se alcançar esta meta. Ele acredita na centralidade da educação para a transformação da realidade. Uma de suas últimas iniciativas neste sentido é uma convocação mundial de um Pacto pela Educação.

Antonio Spadaro, sacerdote Jesuíta, que acompanha o Sumo Pontífice há algum tempo, aponta ‘sete pilares’ do pensamento educacional do Papa Francisco, dentre eles a abertura para o pensamento divergente, para a diversidade. Sabemos que, no âmbito da Igreja Católica, a menção da palavra ‘diversidade’ tem gerado reações extremadas, polarizadas, dificultando o entendimento desse conceito no sentido antropológico e eclesial. E quando não se entende a gama de significados de um conceito, especialmente no contexto da sociedade plural que vivemos, estamos a criar barreiras intransponíveis para a escuta, o diálogo e, conseqüentemente, para uma ação conjunta entre diferentes segmentos da

sociedade, que são características da ‘cultura do encontro’ defendida por Francisco. Em quais fundamentos (teológicos, bíblicos) os educadores católicos podem embasar seus projetos para afirmar a autenticidade da ‘cultura do encontro com a diversidade’ como um elemento intrínseco à doutrina cristã?

Algumas palavras e expressões, e até alguns símbolos, foram capturados por grupos que fazem “lobbies” em torno de suas causas. As palavras diversidade e gênero, por exemplo, passaram a representar a causa gay, de tal forma que sua simples menção ficou atrelada à mesma no senso comum das pessoas. Até o arco-íris, representação universal de diversidade, foi sequestrado neste sentido. Isto explica, em grande parte, a reação de alguns aos valores amplos que a palavra diversidade exprime. Mas há outros campos e expressões de medo da diversidade, principalmente porque o outro é visto em nossa cultura como um concorrente, uma ameaça, tanto no sentido individual, como no sentido coletivo. Daí decorrem as palavras “mixofobia”, expressão que Zygmunt Bauman usava para expressar o medo de misturar-se com o “diferente”, e “xenofobia”, o medo e o rancor com relação aos estrangeiros. Há também a ideofobia, que não admite pensamentos diferentes dos seus, seja no campo social e político, seja no campo cultural e religioso. Mas é preciso superar essas compreensões polarizadas para acolher como valor a diversidade, que é uma das características mais belas da criação de Deus. O Papa Francisco insiste na necessidade do diálogo, caminho possível para o ser humano dotado de razão e de sentimentos, capaz de relacionar-se com os outros, que sempre são diferentes, e insiste sobre a necessidade de “pensar abertamente”. A cultura do inspira-se no Evangelho. Nele vemos Jesus que vai ao encontro de todos, em especial dos que eram discriminados e rejeitados, como os estrangeiros e os que eram rotulados como pecadores (prostitutas, cobradores de impostos...). Esta mesma liberdade o apóstolo Paulo afirmava em sua vida: “Livre em relação a todos, eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, me fiz judeu... Para os que não têm Lei... tornei-me também sem Lei... Para os fracos, me fiz fraco... Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns. Por causa do evangelho eu faço tudo, para dele me tornar participante” (I Cor 9, 19-23). No fundamento de tudo está o ensinamento central de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 15,12).

Francisco insiste na necessidade de criar mecanismos para ‘humanizar a educação’, levando em consideração que ‘a escola e a universidade (e poderíamos incluir a comunidade eclesial também) só tem pleno sentido em relação à formação da pessoa’. O senhor, como sacerdote salesiano, viveu por dentro a missão salesiana em relação a educação que, dentre outros aspectos, ressaltava como ponto de partida o amor de Cristo pela humanidade, que é a raiz da caridade do salesiano pelos jovens. Como falar de ‘humanização’, de ‘amor de Cristo pela humanidade’ de uma forma crível, compreensível aos jovens, no ambiente escolar e universitário, nestes tempos em que se vive uma diluição do sentido da humanização, do amor, do sentido da vida, do sentido da convivência social, atualmente tão marcada pela intolerância, indiferença, hostilidades, violências e exclusões de todo tipo?

D. Tarcísio - O cristão se aproxima de todos como irmãos e irmãs. Este é o ensinamento central do Evangelho de Jesus Cristo: “que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei”. Este ensinamento está explicitado no Compêndio da Doutrina Social da Igreja da seguinte forma: “Deus não faz distinção de pessoas, pois todos os homens têm a mesma dignidade de criaturas à sua imagem e semelhança... e uma vez que no rosto de cada homem resplandece algo da glória de Deus, a dignidade de cada homem diante de Deus é o fundamento da dignidade do homem perante os outros homens. Esse é o fundamento último da radical igualdade e fraternidade entre os homens independentemente da sua raça, nação, sexo, origem, cultura, classe” (cf. n. 144). A humanização vai se afirmando quando afastamos os preconceitos e buscamos o diálogo com todos. A família, a escola, a universidade, devem ser espaços onde se exercita o diálogo e a colaboração entre as pessoas, uma experiência de convivência baseada no respeito, na valorização do outro, na força da fraternidade que brota do Evangelho. Por isso, a Igreja valoriza a comunidade educativa, com envolvimento de todos, educandos, educadores, famílias. A distância entre jovens e adultos parece ter se aprofundado em nosso tempo, e as consequências deste distanciamento não são boas para os jovens e para a sociedade. É preciso reaproximar estas realidades, pois somente através da confiança entre o jovem e o adulto é possível incidir sobre sua personalidade e comportamento. Somente através da recuperação do sentido de autoridade, não baseado no poder de mando, mas na reconquista da credibilidade diante dos educandos, é possível abrir caminho para libertar o jovem de um passado de experiências negativas. O educador Dom Bosco, em seu Sistema Preventivo, dizia que a “assistência”, entendida como “presença” amiga e dialogante é a chave para a concretização de uma nova aliança entre pais e educadores com os jovens, restabelecendo o papel da autoridade mediante a elaboração de uma relação educativa baseada na confiança. Creio que é também nesta linha que se situa a convocação do Papa Francisco por um Pacto Educativo.

*No documento *Veritatis Gaudium* – sobre as universidades e faculdades eclesiais -, Francisco voltou a mencionar a gravidade do momento histórico em que vivemos e a tarefa inadiável da Educação: (...) hoje, não vivemos apenas uma época de mudanças, mas uma verdadeira e própria mudança de época,[21] caracterizada por uma “crise antropológica”[22] e “socioambiental”[23] global, em que verificamos de dia para dia cada vez mais «sintomas dum ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras».[24] Em última análise, trata-se de “mudar o modelo de desenvolvimento global” e de “redefinir o progresso”:[25] “o problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos”.[26]¹² (Grifo nosso). Como tornar factível a construção de lideranças que assumam metas tão grandes e de natureza coletiva, levando em conta alguns traços da cultura contemporânea, tais como a autorreferencialidade, a exacerbação da defesa dos direitos individuais, a indiferença, o não-compromisso com o futuro, o desapego aos valores pessoais, familiares e sociais, conforme nos lembra o Documento de Aparecida (nn. 46 e 47)?*

D. Tarcísio - Todas estas mudanças revelam que temos uma “emergência educativa”, que faz repensar a antropologia, os fins e os métodos da educação necessária para este tempo. A educação deve responder às exigências das mudanças que acontecem no mundo. A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) tem promovido uma visão perspectiva humanista da educação, baseada nos princípios do respeito à vida, da dignidade humana e da diversidade cultural, assim como da justiça social e da solidariedade internacional. Esta visão ficou bem definida em duas publicações marcantes: *A educação do futuro* (1973) e *A educação encerra um tesouro* (1996), apontando quatro pilares como paradigmas para a aprendizagem constante por toda a vida: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver. No debate mundial sobre a educação após 2015, reforçou a ideia de que a educação é muito mais que um simples agente de promoção de crescimento econômico. Ainda que a educação tenha uma função importante para a economia, é necessário transcender a visão utilitarista que caracteriza o discurso internacional sobre o desenvolvimento, e ressaltar a importância dos valores na educação. Percebe-se uma ênfase na superação da visão eficientista e pragmática da educação, concentrada em programas escolares de conhecimento (com ênfase na tecnologia), para assumir uma visão de educação humanizadora, e continuada por toda a vida. Assim, conclui-se que as situações de mudança no mundo de hoje exigem uma transformação dos esquemas tradicionais em todos os âmbitos do ser, do saber e do fazer humanos. São necessárias novas atitudes e tomada de consciência para não perder os fins últimos de toda educação, ou seja, a humanização das pessoas e de suas circunstâncias, para uma melhor convivência humana. Acrescente-se a isso a necessidade de promover processos educativos inclusivos capazes de eliminar as desigualdades sociais, econômicas e culturais que afetam o gênero humano. O estudo da Comissão da UNESCO fala de uma nova compreensão de ser humano, diante da crise da ciência, que pretendia atuar sobre o universo segundo modelos mecanicistas, e reforça a convicção de que a educação é fundamental para construir o ser humano como indivíduo e como tecido social, e para uma transformação das estruturas econômicas, jurídicas, sociais e culturais em vista de construir cada dia um mundo mais humano. Enfim, é necessária uma educação que supere os desníveis sociais que separam ricos e pobres, como pessoas e como grupos humanos, países, regiões mundiais. A visão da Igreja Católica contempla esse paradigma, ressaltando que a educação deve estar centrada na pessoa humana na sua integralidade, servida por uma comunidade educativa, aberta à sociedade no seu conjunto. Neste sentido, aponta para os principais desafios da educação nos dias atuais, e propõe uma reformulação da visão sobre a educação, partindo de uma reflexão profunda sobre o homem moderno e sobre o nosso mundo atual, com uma “antropologia filosófica que deve ser uma antropologia da verdade. Uma antropologia social, isto é, onde se concebe o homem nas suas relações e no seu modo de existir. Uma antropologia da memória e da promessa.

Uma antropologia que faz referência ao cosmos e que leva a sério o desenvolvimento sustentável. E ainda mais uma antropologia que faz referência a Deus” (*Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova* – 2015). Em consequência desta visão, ressalta alguns desafios:

- Superar a visão funcionalista da educação, colocada em função da economia de mercado e do trabalho, e reforçar o sentido da educação integral, centralizada na pessoa que aprende, levando em conta o pluralismo e a diversidade de valores, e da história de vida de cada um;
- Redefinir a identidade da escola católica, a partir da experiência acumulada desde o Concílio, com base nos três pilares da tradição do Evangelho, da autoridade e da liberdade;
- Entender a educação não apenas como conhecimento, mas também como experiência;
- Desenvolver comunidades educativas, com uma visão de circularidade nos relacionamentos, qualificando as relações entre educadores e educandos, pais e educadores, restaurando o sentido de autoridade, a partir do testemunho de coerência na vivência dos valores e de serviço;
- Formar ao diálogo entre fé e cultura e ao diálogo interreligioso, em contexto de multiculturalismo e multirreligiosidade;
- Formar os professores, os dirigentes e todo o pessoal envolvido na escola e na universidade para que “tenham a capacidade de criar, de inventar e de gerir ambientes de aprendizagem ricos de oportunidades; deseja-se que sejam capazes de respeitar as diversidades das ‘inteligências’ dos estudantes e de guiá-los numa aprendizagem significativa e profunda; exige-se que saibam acompanhar os alunos rumo a objetivos elevados e desafiantes, demonstrar elevadas expectativas em relação a eles, envolver e relacionar os estudantes entre eles e com o mundo.

Conforme noticiado pela **Revista Fórum**, há algum tempo, o Papa Francisco recebeu, no Vaticano, a viúva do Pedagogo Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, em encontro privado que durou cerca de 40 minutos. Nesta entrevista revelou que já leu o livro **Pedagogia do Oprimido**. Deu sinais de que a conhece e a assume. Pergunto: Por que tivemos e temos, no Brasil, grande dificuldade em implantar uma pedagogia que se pautar nos princípios da pedagogia freireana? Uma pedagogia que seja, na linguagem de Freire, a ‘favor dos esfarrapados da vida’?

D. Tarcísio - A pedagogia deve ajudar a pessoa a pensar, não apenas a adquirir conhecimentos. Com as redes sociais hoje as pessoas tem inúmeras informações, mas às vezes não sabem o que fazer com elas. A jornalista judia Hannah Arendt, ao fazer a cobertura para a revista americana *The New Yorker* do julgamento do nazista Adolf Eichmann (1963), acusado de participar do extermínio de judeus, destacou como ele

nadava em informações, como processava com competência esses conhecimentos para a finalidade criminosa de conduzir judeus à câmara de gás. Em sua reportagem ela resumiu o porquê de tudo numa pequena frase: “ele não pensa!”. Ele não era burro, mas não refletia sobre seus atos. Esse parece ser o drama de uma pedagogia que não humaniza, criando apenas pessoas funcionalistas. A pedagogia de Paulo Freire se propõe justamente a ajudar a pensar, a formar pessoas livres, a “Educação como Prática da Liberdade”. É uma pedagogia que procura responder às necessidades de autonomia, de autenticidade e de responsabilidade da pessoa, desenvolvendo o senso crítico diante da vida pessoal, do ambiente e da sociedade em geral, com a preocupação de auxiliar o educando a formar sua própria cultura, através do diálogo e relacionamento interpessoal autêntico entre educadores e educandos. Aprender a ler é importante, mas ler não apenas palavras, mas a própria realidade, compreendendo e interpretando com sentido a realidade em que vive e criar um projeto de vida. A pessoa pode saber ler e continuar sendo analfabeta funcional, afetiva, ética, política. Uma pedagogia assim é urgentemente necessária, seria a base de uma nova cidadania, fundamental para a construção de uma democracia sólida. Só não interessa aos interesses dos que querem manter seus privilégios e domínio sobre os outros. A pedagogia de Paulo Freire é mais conhecida e aplicada fora do Brasil. Na época da ditadura ele foi exilado do país. Hoje é ainda temido por motivos ideológicos e partidários.

O papa já se referiu que diante das grandes mudanças da nossa época, da crise antropológica e ambiental, será necessária uma mudança de modelo de desenvolvimento. Será preciso também, segundo ele, investir na prática do encontro, do diálogo e da reflexão. Essas práticas poderiam ser princípios pedagógicos orientadores das instituições de ensino católicas?

D. Tarcísio - O Papa usa a expressão ecologia integral para revelar que tudo está interligado no planeta e no universo. Quando falamos de “meio ambiente”, devemos considerar a íntima relação entre a natureza e a sociedade humana. Há uma relação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social, por isso, “a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente”. Não existem duas crises, uma ambiental e outra social, afirma o papa, mas “uma única e complexa crise sócio-ambiental”, que requer uma “abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (Cf. LS, n. 139 e 141). Dentro desta visão, a realidade das instituições da sociedade, a escola e a família, em particular, tem consequências no ambiente e na qualidade de vida das pessoas. Citando a encíclica *Caritas in veritate*, de Bento XVI, o papa afirma que “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”. E coloca vários níveis de atuação, começando com a família, instituição base da vida social, que se torna um espaço fundamental para a formação das pessoas

para o convívio social e para a sua relação positiva com o meio ambiente, e que se torna como um modelo de nossa maneira de nos relacionarmos com as pessoas em ambientes mais amplos, como o bairro, a cidade, nosso lugar de trabalho. De fato, na família deve-se desenvolver a “ecologia da vida cotidiana”, pois os “ambientes onde vivemos influenciam em nossa maneira de ver a vida, sentir e agir. A ecologia humana envolve muitas coisas, desde a condição de ter uma casa própria onde morar, condição fundamental para a dignidade das pessoas e o desenvolvimento das famílias, passando pelo cuidado para desenvolver relações calorosas de vizinhança, a inserção das pessoas numa rede de comunhão e pertença, tudo respaldado por arquitetura e organização urbana que favoreçam a convivência das pessoas e o sentimento de “estar em casa”, mesmo tratando-se de uma grande cidade, e a promoção do bem comum. A família pode educar as pessoas a criarem novos hábitos, a não se tornarem escravas do consumismo, a praticarem a sobriedade, a evitar o desperdício com atitudes simples, como a de plantar árvores, economizar água, apagar as luzes desnecessárias, e “a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (LS, n. 210). Esses conteúdos e essas práticas devem ser obrigatoriamente orientadores das instituições de educação católicas. É para isto que o Papa, em sua mensagem para o evento em Assis, em 2020, chamado “a economia de Francisco, aposta nos jovens, e convida-os a praticarem “uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a depreda. Um evento que ajude a estar juntos e conhecer-se, e que leve a fazer um "pacto" para mudar a atual economia e dar uma alma à economia do amanhã.

Recentemente, o Papa Francisco lançou o Pacto Global pela Educação, a ser realizado em 14 de maio de 2020, no Vaticano, e convidou representantes das principais religiões, representantes de organizações internacionais e várias instituições humanitárias, do mundo acadêmico, econômico, político e cultural para assumirem um compromisso de “educar jovens em fraternidade, aprender a superar divisões e conflitos, promover aceitação, justiça e paz”, gerando uma “mudança de mentalidade em escala planetária por meio de educação.” Como a Universidade Católica de Santos e a ANEC (Associação Nacional de Escolas Católicas-Baixada Santista) estão envolvidas nesse processo e quais contribuições, a partir do contexto sociocultural do Litoral de São Paulo, os agentes educacionais podem prestar a essa tão urgente e necessária tarefa?

D. Tarcísio - Recebemos recentemente (nov/2019) a visita de Dom Vincenzo Zani, secretário da Congregação para a Educação Católica (Vaticano), que proferiu palestras na Universidade Católica de Santos e no Liceu Santista, encontrando-se também com o clero da Diocese e com integrantes da ANEC. As ricas reflexões e debates proporcionados por esta visita estão sendo aprofundadas e divulgadas como contribuição para um processo de valorização da educação, e de revisão de nosso compromisso com uma educação integral, humanizadora, e à altura dos desafios que enfrentamos. Da mesma forma, acompanharemos o evento mundial convocado pelo

Papa Francisco, a realizar-se em Roma, em maio de 2020, com o tema “Reconstruir o pacto educativo global”, para promovermos também, no âmbito que nos compete, as reflexões e ações que serão propostas. De fato, com esta iniciativa, o Papa propõe um diálogo sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta, com a consciência da necessidade de um caminho educativo que leve à solidariedade universal e a uma sociedade mais acolhedora. Os resultados das avaliações da educação no Brasil não são animadores. É urgente unirmos forças de toda a sociedade. A educação deve ser compromisso de todos, não apenas das instituições educacionais, e um “pacto pela educação” convoca à mobilização de todos, governo e sociedade civil organizada, famílias, religiões, empresários, meios de comunicação...

O programa de Mestrado e Doutorado em Educação, na Universidade Católica de Santos, tem procurado construir conhecimentos que produzam um novo olhar sobre a prática educativa. Assim, a Instituição tem procurado formar pesquisadores críticos e engajados em processos de emancipação, de inclusão e de acolhimento pedagógico. As escolas públicas da região têm se beneficiado desses profissionais formados nesta perspectiva. O senhor acredita que estamos caminhando na direção epistemológica e ética indicada pelo Papa Francisco?

D. Tarcísio - Penso que o Papa Francisco continua atuando de forma coerente com o caminho que a Igreja tem feito, e espero que a Universidade Católica continue atenta e afinada com a visão da Igreja, em sua milenar experiência no campo da educação e em sua sensibilidade com as mudanças que acontecem na sociedade. O Concílio Vaticano II, com o decreto *Gravissimum Educationis* (1965), reposicionou a Igreja no campo da educação. Desde então, todos os Papas atuaram firmemente com reflexões e estímulos para atuação mais eficaz. O Papa Paulo VI instituiu uma comissão pós-conciliar para a educação cristã, que confluíu na criação do setor das escolas católicas da Congregação para a Educação Católica (1967). Em sua encíclica *Populorum progressio* mostrou que a educação é um instrumento indispensável para o desenvolvimento dos povos. O Papa João Paulo II promulgou a constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, em 1990, um documento específico para as universidades católicas, colocando-as em lugar privilegiado de diálogo da Igreja com as culturas do nosso tempo, chegando a afirmar que se constitui em “setor vital, no qual se joga o destino da Igreja e do mundo neste final do século XX”. Foram inúmeras e muito importantes as reflexões e posicionamentos de Bento XVI, que entendia a universidade como “um lugar de produção, de investigação científica e de autêntica cultura”. A história é dinâmica, e o Papa Francisco vem aprofundando este diálogo da Igreja com a sociedade, com atitude de escuta e também de proposições, contribuindo no debate para posicionar a educação à altura dos desafios dos tempos atuais. Entre estes, aponta três fraturas que precisam ser superadas: “a fratura da educação com a transcendência; a fratura com as diferenças culturais e religiosas vinculadas à figura do ‘outro’; a fratura entre a natureza e a sociedade, fonte de tantas desigualdades”. Ao convocar um “pacto pela educação” ele chama a um forte compromisso para transformar esta realidade. Acredito e espero que o Mestrado e o

Doutorado em Educação contribuam realmente para sanar estas fraturas, e ofereçam uma contribuição significativa para o necessário pacto educativo.

NOTAS:

¹ Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>>. Acesso em 21 de janeiro de 2019.

² Disponível em: <<https://www.laciviltacattolica.it/articolo/sette-pilastri-delleducazione-secondo-j-m-bergoglio/>>. Acesso em 7 de janeiro de 2019.

³ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman>>. Acesso em acesso em 10 de dezembro de 2018.

⁴ Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html>. acesso em 7 de janeiro de 2019.

⁵ O projeto “Scholas Ocurrentes” utiliza a educação para promover mudanças sociais, foi fundada em Buenos Aires, pelo então arcebispo Jorge Mario Bergoglio (hoje Papa Francisco). Tornou-se organização internacional de direito pontifício em 13 de agosto de 2013.

⁶ Disponível em:

<https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150205_scholas-occurrentes.html>. Acesso em 7 de janeiro de 2019.

⁷ Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170209_plenaria-educazione-cattolica.html>. Acesso em 8 de dezembro de 2018.

⁸ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/526970-qdespertem-o-mundoq-integra-do-dialogo-do-papa-francisco-sobre-a-vida-religiosa>>. Acesso em 21 de janeiro de 2019.

⁹ FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de acolhimento e inclusão: a perspectiva da pedagogia crítica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p. 964-978, nov. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v.21.n.esp.2017.10370.E-ISSN:1519-9029>. Acesso em 9 de janeiro de 2019.

¹⁰ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2006.

¹¹ SCARAMUSSA, Tarcísio. **O sistema de Dom Bosco: um estilo de educação**. 3. ed. São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984;

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: roteiros de iniciação**. Belo Horizonte, CESAP, 1993.

¹² Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2019.

Sobre as entrevistadoras:

Guadalupe Corrêa Mota - possui mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2007), especialização em Educação a Distância pela Universidade Católica de Brasília e em Design Didático para cursos baseado na Web, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos e integra a assessoria de comunicação da Diocese de Santos (SP).

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco é Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com Pós-Doutoramento em Educação pela Universidade de Paris VIII (UP-VIII) e Universidade Federal de Sergipe (UFS). É Professora Titular e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos, onde foi coordenadora no período de 2004-2009. Líder do grupo de pesquisa Práticas Pedagógicas: Pesquisa e Formação da Universidade Católica de Santos e Vice-Coordenadora da Cátedra Paulo Freire na mesma instituição. Pesquisadora do CNPq - PQ Nível 2.

*Recebido em março de 2020
Publicado em agosto de 2020*